

O ANJO DO ESTRANHO: CONTO BURLESCO, DE EDGAR ALLAN POE

EDGAR ALLAN POE'S THE ANGEL OF THE ODD, AN EXTRAVAGANZA



Traduzido por:

Adauto Lúcio Caetano VILLELA
Professor adjunto
Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Letras
Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7616397887775652>
<https://orcid.org/0000-0003-0552-8448>
adauto.villela@ufjf.edu.br

Resumo: Publicado pela primeira vez em 1844, *The Angel of The Odd, an Extravaganza*, é um conto burlesco-parodístico que revela a veia cômica de Edgar Allan Poe (1809-1849), o mestre norte-americano das histórias de terror e mistério, autor de um dos poemas mais conhecidos do mundo, *The Raven* (O corvo), e também considerado um dos criadores do gênero investigativo-policial. Após ler num jornal uma notícia que considera insólita e externar dúvidas quanto a sua veracidade, o narrador tem um encontro inesperado com uma figura muito estranha que se autodenomina Anjo do Estranho. A partir desse encontro, o narrador se vê envolvido em diversas situações que parecem casuais, obras do acaso, mas que nos levam a suspeitar serem provocadas pelo misterioso anjo – que em nada lembra os anjos convencionais –, todas com o objetivo de provar que os “estranhos acidentes”, de cuja existência o narrador duvidava, acontecem, sim, não sendo meras invenções de jornalistas. Esta nova tradução, precedida de uma breve apresentação, procura recriar os elementos estilísticos que marcam esse conto de Allan Poe – em especial o modo de falar do Anjo com seu forte sotaque alemão –, bem como resgatar, em notas de rodapé, referências talvez desconhecidas para o leitor brasileiro contemporâneo. Por se tratar de um conto redigido originalmente há quase 180 anos, procurou-se também manter uma certa “pátina de antiguidade”, como diria Paulo Rónai, com o emprego de recursos vocabulares e sintáticos capazes de remeter o leitor atual à paisagem do período narrado.

Palavras-Chave: Tradução literária. Conto traduzido. Humor. Literatura norte-americana. Edgar Allan Poe.

Abstract: First published in 1844, *The Angel of The Odd, an Extravaganza*, is a burlesque short-story that reveals the comic side of Edgar Allan Poe (1809-1849), the American master of horror and mystery stories, author of one of the most well-known poems in the world, *The Raven*, and also considered one of the creators of the detective fiction genre. Upon reading, in a newspaper, a piece of news that he considers unusual, and expressing doubts about its veracity, the narrator faces an unexpected encounter with a very odd figure who calls himself the Angel of the Odd. After this meeting, the narrator gets involved in several situations that seem casual works of chance, but that lead us to suspect that they are influenced by the mysterious angel – who has no resemblance whatsoever with conventional angels –, all of which aimed at proving that “odd accidents”, whose existence the narrator doubted, do happen and are not just inventions of journalists. This new translation into Portuguese, preceded by a brief presentation, seeks to recreate the stylistic elements that mark this short-story – in particular the way of speaking of the Angel with his strong German accent –, as well as to rescue, in footnotes, references perhaps unknown to contemporary Brazilian readers. As this story was originally written almost 180 years ago, there was an effort to maintain a certain “patina of antiquity”, as Paulo Rónai would say, with the use of vocabulary and syntactic resources capable of evoking for nowadays readers the landscape of the tale’s depicted epoch.

Keywords: Literary translation. Translated short-story. Humor. North American literature. Edgar Allan Poe.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Considerado mestre das histórias de terror e mistério, Edgar Allan Poe (1809-1849) é também um dos precursores do gênero investigativo-policial. Sua obra inclui poesia, sendo o poema *The Raven (O corvo)* sua composição mais conhecida, além outros gêneros de prosa ficcional. Exemplificando esses outros gêneros, o conto *The Angel of the Odd, An Extravaganza* (1844), pode ser classificado, como sugere seu próprio subtítulo, como burlesco e parodístico¹, do qual apresentamos aqui uma tradução inédita². A parte burlesca, imediatamente perceptível, é marcada por situações cômicas ou surreais e pelos elementos de fantasia que o conto nos apresenta. Quanto ao componente de paródia, sua percepção talvez fosse mais fácil para os leitores da época, em especial aqueles familiarizados com os círculos literários de então, mas para o leitor atual essa característica pode passar despercebida. Claude Richard (1969, p. 46) aponta a lista de obras mencionada pelo narrador no primeiro parágrafo como a chave que possibilita perceber esse aspecto de crítica realizada pelo autor, nesse conto, contra alguns livros bastante conhecidos de seus conterrâneos e contemporâneos. Segundo o tradutor e estudioso francês da obra de Poe, este teria mencionado, na citada lista – que inclui três longos poemas épicos –, obras consideradas por ele não apenas tediosas, mas eivadas de excessos que violam o chamado “princípio da unidade” tão valorizado pelo autor³. Ainda de acordo com Richard, Poe parodia, em alguns momentos do conto, o estilo pomposo e o uso de lugares comuns costumeiramente empregados naquelas obras (*ibidem*)⁴.

Juntamente com seu caráter burlesco e parodístico, *The Angel of the Odd* traz peculiaridades estilísticas que tanto o enriquecem quanto constituem desafios para sua tradução. Um deles é o tempo transcorrido desde sua publicação (mais de 170 anos), pois além de palavras e modos de expressão às vezes caídos em desuso, o conto traz referências explícitas ou implícitas que podem não ser facilmente reconhecíveis para o público de hoje. Procuramos suprir essas possíveis lacunas inserindo notas de rodapé explicativas.

Outro desafio dessa tradução foram as falas do personagem *Angel of the Odd*, marcadas por um forte sotaque alemão, representado no conto por alterações ortográficas, bem como pela inconsistência de concordâncias verbais e por um tom às vezes exageradamente formal⁵. Para recriar o sotaque do personagem na presente tradução, primeiramente procuramos entender a lógica interna do procedimento empregado pelo autor (como a substituição de algumas consoantes sonoras por surdas, e vice-versa), depois realizamos pesquisas para procurar traços comuns do sotaque de falantes do alemão que aprendem português tardiamente, em especial no modo de falar de habitantes de alguns vilarejos na região Sul do Brasil, onde imigrantes e seus descendentes ainda usam o alemão como língua principal e o português como segunda

língua. Com isso, acreditamos ter criado soluções satisfatórias para esse desafio, esperando proporcionar aos leitores brasileiros uma ótima experiência de leitura.

O ANJO DO ESTRANHO, CONTO BURLESCO

Edgar Allan Poe

Era uma tarde fria de novembro. Eu acabara de consumir um substancioso jantar, cuja indigesta trufa constituía item não menos importante, e repousava sozinho na sala, com os pés sobre o guarda-fogo e, à altura do cotovelo, uma mesinha que arrastara até perto da lareira e sobre a qual acomodavam-se uns arremedos de sobremesas, com algumas garrafas de vinho, destilados e *liqueur*. Passara a manhã lendo *Leonidas* de Glover, *Epigoniad* de Wilkie, *Pilgrimage* de Lamartine, *Columbiad* de Barlow, *Sicily* de Tuckermann e as *Curiosities* de Griswold; devo confessar, portanto, que me sentia então um tanto estúpido⁶. Esforcei-me para levantar o ânimo com um contumaz Lafitte⁷ e, não funcionando, agarrei-me desesperado a um jornal qualquer. Tendo percorrido cuidadosamente a coluna de “casas para alugar”, e a coluna de “cães perdidos”, e então as duas colunas de “fuga de esposas e aprendizes”, ataquei com grande resolução o editorial e, lendo-o do princípio ao fim sem entender uma sílaba sequer, pensei na possibilidade de estar em chinês e, então, reli do fim ao princípio, sem resultado mais satisfatório. Estava prestes a jogar fora, enfasiado,

*Este fôlio de quatro páginas, trabalho afortunado
Que nem mesmo críticos criticam*”⁸,

quando chamou minha atenção o seguinte parágrafo:

Os caminhos da morte são numerosos e estranhos. Um jornal londrino menciona o falecimento de uma pessoa devido a uma causa singular. Ele estava jogando "assopra dardo", que consiste em lançar uma longa agulha através de um tubo de lata em direção a um alvo, quando introduziu a agulha pelo lado errado do tubo e, tomando fôlego para assoprar o dardo, puxou a agulha para dentro da garganta. Esta penetrou-lhe os pulmões e, em poucos dias, acabou o matando.

Ao ver aquilo, enfureci-me sobremaneira, sem saber exatamente por quê. “Isso”, exclamei, “é uma falsidade desprezível, uma farsa, os laivos da invenção de algum redator mal pago, de algum miserável forjador de acidentes de Cocanha⁹. Esses canalhas, conhecendo a credibilidade extravagante de nossa época, empregam a inteligência para imaginar possibilidades improváveis, estranhos acidentes, como os nomeiam; mas para um intelecto reflexivo (como o meu)”, acrescentei em parêntesis, tocando inconscientemente meu nariz com o indicador, “para uma compreensão contemplativa como a que possuo, parece de imediato evidente que o incrível aumento recente desses ‘estranhos acidentes’ é, de longe, o acidente mais estranho de todos. De minha parte, pretendo não acreditar em mais nada que tenha qualquer coisa de ‘singular’ envolvida”.

— Mein Gott, hã! Que tola fôz zois por ista! — replicou uma das vozes mais notáveis que já ouvi. Pensei de início tratar-se de um ronco em meus ouvidos, desses que alguém experimenta às vezes quando está muito bêbado, porém, pensando melhor, considerei aquele som mais parecido com o de um barril vazio açoitado com um porrete; e, de fato, era o que eu devia ter concluído, não fosse pela articulação de sílabas e palavras. Não sou de me agitar à toa, e os pouquíssimos copos de Lafitte que degustara me deixaram um tanto valente, de modo que não senti qualquer temor, apenas levantei os olhos devagar e vasculhei a sala em busca do invasor. Contudo, não encontrei absolutamente ninguém.

— Humf! — retomou a voz, enquanto eu continuava minha busca —, Fós debe star bêbada com’um gambá, hã, parra não me fer zentada aqui a zeu lada.

Nisso, considerei olhar bem diante de meu nariz, e lá, de fato, confrontando-me à mesa, avistei um personagem indefinido, embora não totalmente indefinível. Seu corpo era um barril de vinho, ou tonel de rum, ou algo desse tipo, e tinha um ar realmente falstaffiano¹⁰. Na extremidade inferior, dois pequenos barriletes pareciam atender ao propósito de pernas. Como braços, pendiam da porção superior da carcaça duas garrafas razoavelmente compridas, com os gargalos para fora à guisa de mãos. O que vi como cabeça do monstro foi um daqueles cantis alemães que parecem uma grande caixa de rapé redonda com um buraco na tampa. Esse cantil (com um funil em cima, como o quepe de um cavaleiro pendendo sobre os olhos) era fixado no corpo-tonel, com o buraco voltado para meu lado; e por esse orifício, que parecia contrair-se como a boca enrugada de uma velha, a criatura emitia ruídos roncantes e lamuriantes que ele, evidentemente, intencionava passar como fala inteligível.

— Chá disse, insistiu ele, — fós debe star bêbada com'um gambá, parra zentar aí e não me fer zentada aqui; e digo mais, hã, fós debe zer mais burro que um ganso parra non acreditar no que lê na chornal. É purra ferdade, oh zim, cada palavrira aí.

— Quem afinal é você? — perguntei, com muita dignidade, embora meio atordoado.
— Como entrou aqui? E do que você está falando?

— Sobre como cheguei aqui — respondeu a figura —, isso non é da zua conta; e sobre o que stou falando, eu star falando sobre o que acho zerto; e sobre quem eu zer, isso é chusto o que eu fir aqui fazer, para focê fer por zi mesmo.

— Você é um vagabundo bêbado, — retruquei — e agora vou tocar a campainha para meu criado vir aqui enxotá-lo até a rua.

— He! he! he! — disse o sujeito — hu! hu! hu! issa non podes facer.

— Não posso! — exclamei, — o que quer dizer? O que não posso fazer?

— Tocar a zino; — respondeu ele, ensaiando um sorriso com sua boquinha infame.

Nisso tentei me levantar para executar minha ameaça, mas o rufião logo pulou de onde estava e, muito deliberadamente, lascou-me um tapa na testa com o gargalo de uma daquelas garrafas compridas, lançando-me de volta à poltrona de onde havia começado a levantar. Fiquei totalmente aturdido e, por um instante, fiquei sem saber o que fazer. Nesse ínterim, continuou a falar.

— Zabe, — disse ele, — é melhor ficar zentadinha aí, enton zabereis quem zer eu. Olha parra mim! Fêcha! Zou o *Ancho do Strranho*.

— Bem estranho mesmo — arrisquei responder —, mas sempre pensei que anjos tivessem asas.

— Os assas! — gritou ele enfurecido, — o que zeria eu ze tivesse assas? Mein Gott! pensas que zou um galinha?

— Não, oh não! — repliquei muito alarmado, — você não é uma galinha, com certeza, não.

— Pois bem, fica zentadinha aí e ze comporta, ou fos dou de novo no carra. É os galinha que tem assa, os corrucha que tem assa, os diabrete que tem assa e os demônio que tem assa. Os ancho *non* tem assa, e zou o *Ancho do Strranho*.

— E seu assunto comigo agora é... é...

— Meu azunta! — exclamou a coisa, — que traste maleducada debes zer parra perguntar um cavalheira e um ancho zobre zeu azunta!

Tal linguajar superava o que eu podia aguentar, mesmo vindo de um anjo; então, tomando coragem, peguei um saleiro que estava perto e arremessei na cabeça do invasor. Ou ele se esquivou, ou minha pontaria foi imprecisa, pois tudo que consegui foi demolir o vidro de proteção do relógio que estava sobre a lareira. Quanto ao Anjo, este revidou dando-me dois ou três cascudos consecutivos na testa, como antes. Isso me rebaixou de vez e, tenho quase vergonha de confessar, seja por dor ou desonra, que nos olhos brotaram-me algumas lágrimas.

— Mein Gott! — disse o Anjo do Estranho, aparentemente sensibilizado com minha aflição; — mein Gott, esse aí está muito bêbada ou enton muito zentida. Non deveria beber desse tanta, deveria porr água no vinha. Aqui, bebe ista, como bom amiga, e non chorra mais, non!

Em seguida o Anjo do Estranho acabou de encher minha taça (que tinha cerca de um terço de Porto) com um fluido transparente que verteu de uma de suas mãos-garrafa. Percebi que elas tinham rótulos em volta do gargalo e que, neles, estava escrito “Kirschenwasser”¹¹.

6 A gentileza e consideração do Anjo me tranquilizaram bastante; e, com ajuda da água com que diluiu meu Porto mais de uma vez, acabei recompondo-me o suficiente para ouvir seu extraordinário discurso. Não posso ter a pretensão de recontar tudo o que me disse, mas derivei do que ouvi que ele era o gênio que controlava os *contretemps* da humanidade, e cuja tarefa era a de provocar os *estranhos acidentes* que continuamente surpreendem os céticos. Uma ou duas vezes, quando arrisquei expressar minha total incredulidade a respeito de suas pretensões, ele ficou muito bravo, ah se ficou, tanto que acabei achando melhor não dizer mais nada e deixá-lo se expressar como quisesse. Ele continuou falando, portanto, longamente, enquanto eu apenas recostei a cabeça na cadeira com os olhos fechados e me entretive mascando uvas-passas e lançando os talinhos pela sala. Mas, pouco depois, o Anjo repentinamente interpretou meu comportamento como desprezo. Levantou com uma paixão terrível, ajeitou o funil sobre os olhos, soltou um palavrão daqueles, pronunciou algum tipo de ameaça que não compreendi direito e, por fim, fez uma reverência curvando-se e partiu, desejando-me, na língua do arcebispo de Gil-Blas, “*beaucoup de bonheur et un peu plus de bon sens*”¹².

Sua partida trouxe-me alívio. Os *pouquíssimos* copos de Lafitte que eu tomara me causaram um efeito de sonolência, então me senti inclinado a tirar uma soneca de uns quinze ou vinte minutos, como costume fazer depois do jantar. Às seis eu tinha um compromisso importante, e era indispensável que o mantivesse. A apólice de seguro da minha residência havia vencido no dia anterior e, tendo surgido uma controvérsia, ficou acordado que às seis eu deveria encontrar a diretoria da seguradora para acertar os termos de renovação. Olhando o

relógio acima da lareira, (pois eu estava sonolento demais para retirar o meu do bolso), tive o prazer de descobrir que ainda me sobravam vinte e cinco minutos. Eram cinco e meia; eu poderia facilmente caminhar até a seguradora em cinco minutos, e minhas sextas nunca ultrapassavam vinte e cinco minutos. Senti-me suficientemente seguro, portanto, e me compus para cochilar em seguida.

Tendo cochilado satisfatoriamente, olhei de novo em direção à lareira e estava meio inclinado a acreditar na possibilidade de estranhos acidentes quando descobri que, em vez dos meus usuais quinze a vinte minutos, eu dormitei apenas três, pois ainda faltavam vinte e sete para a hora marcada. Voltei para minha soneca e, depois de um tempo, acordei pela segunda vez, quando, para meu grande espanto, *ainda* faltavam vinte e sete minutos para a seis. Pulei para examinar o relógio e descobri que ele havia parado. O meu de bolso informava que eram sete e meia; e, claro, tendo dormido duas horas, eu estava atrasado demais para meu compromisso. “Não faz diferença”, pensei: “posso ligar para a seguradora de manhã e me desculpar. Enquanto isso, qual será o problema com o relógio?” Ao examiná-lo, descobri que um dos talinhos de uva-passa que eu andara lançando pela sala durante o discurso do Anjo do Estranho tinha passado pela rachadura do vidro e, alojando-se de forma bastante singular no buraco da chave de dar corda, com uma extremidade projetada para fora, tinha interrompido o movimento do ponteiro dos minutos.

“Ah!” exclamei, “vejo como é. Essa coisa fala por si mesma. Um acidente natural desses *sempre* acontecerá vez ou outra!”

Não pensei mais no assunto e, no horário habitual, recolhi-me ao leito. Ali, tendo repousado a vela sobre uma estante de leitura à cabeceira da cama e tentado ler algumas páginas de “*Omnipresence of the Deity*”¹³, infelizmente caí no sono em menos de vinte segundos, deixando a vela acesa como estava.

Meus sonhos foram terrivelmente atormentados por visões do Anjo do Estranho. Parecia que estava ali, aos pés do meu leito, que abria as cortinas e, com os tons ociosos e detestáveis de um tonel de rum, ameaçava-me de amaríssima vingança pelo desprezo com que o tratara. Ele concluía seu longo sermão tirando o funil-quepe, inserindo a ponta em minha garganta e, então, inundando-me com um oceano de Kirschenwasser, que ele vertia, numa torrente contínua, de dentro de uma das garrafas de gargalo comprido que lhe serviam de braço. Minha agonia foi enfim insuportável, e acordei bem a tempo de perceber que uma ratazana fugia com a vela acesa da estante, mas *não* a tempo de evitar que escapasse com ela pelo buraco da parede. Dentro em pouco, um odor forte e sufocante invadiu minhas narinas; a casa, percebi

claramente, estava pegando fogo. Em poucos minutos o incêndio se alastrou com violência, e em pouquíssimo tempo o prédio inteiro ardia em chamas. Todas as saídas do meu quarto, exceto uma janela, estavam bloqueadas. A vizinhança, no entanto, logo providenciou uma longa escada de mão. Eu já descia rápido por ela, em aparente segurança, quando um porco imenso, cuja pança rotunda, na verdade toda sua aparência e fisionomia, tinha algo que me lembrava o Anjo do Estranho, quando aquele porco, que até então dormia quietinho na lama, cismou que precisava coçar o ombro esquerdo e não poderia encontrar local mais apropriado que o pé da escada para tanto. Num instante fui lançado ao chão e tive a infelicidade que quebrar o braço.

Esse acidente, com a perda do meu seguro e a perda mais grave do meu cabelo, que fora todo chamuscado pelo fogo, dispuseram-me a sérias impressões, de modo que, finalmente, convenci-me a arrumar uma esposa. Havia uma viúva rica, desconsolada pela perda do sétimo marido, e para seu espírito ferido ofertei o bálsamo dos meus votos. Ela, relutante, cedeu às minhas súplicas. Ajoelhei-me a seus pés com gratidão e reverência. Ela ruborizou-se e aproximou seus luxuriantes cabelos àqueles que me forneceram Grandjean¹⁴ temporariamente.

8 Não sei como o emaranhamento se deu, só sei que aconteceu. Levantei-me com uma careca luzidia, desperucado; ela, com desdém e fúria, semicoberta por cabelo alheio. Assim findaram minhas esperanças com a viúva, graças a um acidente que eu nunca poderia prever, deveras, mas que a sequência natural dos eventos havia ocasionado.

Sem me desesperar, contudo, empreendi o assédio a um coração menos implacável. A sorte ficara novamente propícia por um breve tempo, mas, outra vez, um incidente trivial veio se intrometer. Ao encontrar minha futura esposa em uma avenida abarrotada com a *élite* da cidade, apressava-me para cumprimentá-la com uma de minhas mais bem ensaiadas medidas quando uma pequena partícula de algum material estranho, alojando-se no canto do meu olho, deixou-me, por um momento, totalmente cego. Antes que conseguisse recuperar a visão, a senhora do meu amor já desaparecera, irreparavelmente afrontada pelo que preferiu considerar uma grosseria premeditada de minha parte, de passar por ela sem a cumprimentara. Enquanto estava ainda perplexo pelo inesperado desse acidente (que poderia ter sobrevivendo, contudo, a qualquer um na face da Terra), e enquanto ainda me achava incapaz de enxergar, fui acostado pelo Anjo do Estranho, o qual me ofereceu sua ajuda com uma civilidade que eu nunca poderia esperar. Ele examinou meu olho afetado com muita gentileza e habilidade, informou-me que tinha um pingão nele, e (o que quer que fosse o tal “pingão”) retirou para mim e me trouxe alívio.

Agora eu considerava que estava na hora de morrer (já que a fortuna se mostrava tão determinada em me perseguir) e, assim sendo, dirigi-me ao rio mais próximo. Ali, despojando-me das roupas, (pois não há qualquer motivo para não podermos morrer como nascemos), joguei-me de ponta na correnteza. A única testemunha de meu destino foi um corvo solitário que se deixara seduzir por um milho conservado no álcool e, assim, se desgarrara dos companheiros. Tão logo entrei na água, o pássaro resolveu sair voando com a parte mais indispensável do meu vestuário. Adiando, portanto, e por hora, meu desígnio suicida, apenas enfiei minhas extremidades baixas nas mangas do casaco e lancei-me na busca do larápio com toda agilidade exigida pelo caso e admissível pelas circunstâncias. Mas a má sorte ainda aguardava-me. Enquanto corria a toda velocidade, com o nariz apontado para cima, visando apenas o ladrão de minha propriedade, subitamente percebi que meus pés não tocavam mais a *terra-firma*; o fato é que me lançara num precipício, e teria inevitavelmente me estraçalhado não fosse a boa sorte de me agarrar à ponta de uma longa corda que pendia de um balão que passava.

Assim que recuperei os sentidos a ponto de compreender o apuro terrível em que me encontrava, ou melhor, em que me pendurava, empreguei toda força de meus pulmões para tornar minha situação conhecida para o aeronauta ali em cima. Mas, por um longo tempo, esforcei-me em vão. Ou o idiota não conseguia, ou o patife não queria me notar. Enquanto isso, a máquina ganhava altura rapidamente, e minhas forças se perdiam ainda mais rapidamente. Breve estava a ponto de me resignar com meu destino e despencar tranquilamente no mar, quando retomei de repente o ânimo ao escutar uma voz cavernosa vinda do alto, que parecia cantarolar com displicência uma ária operística. Olhando para cima, percebi o Anjo do Estranho. Estava ele apoiado, de braços cruzados, na borda do cesto do balão; e, com um cachimbo na boca, que tragava vagorosamente, parecia estar em plena paz consigo mesmo e com o universo. Já eu, exausto demais para falar, apenas olhei para ele com um ar suplicante.

Por vários minutos, embora olhasse-me bem na cara, ele não disse nada. Enfim, retirando cuidadosamente o cachimbo do canto esquerdo da boca, condescendeu em falar.

— Quem zois fós, — perguntou ele, — e que diabo zois parra fazer ista?

A essa demonstração de imprudência, crueldade e afetação, só consegui responder exclamando “Socorro!”

— Zocorro! — repetiu o rufião — eu non. Aí stá a carrafa, zirfa-ze e ze quiete!

Com tais palavras, deixou cair um pesada garrafa de Kirschenwasser que, acertando em cheio o topo de minha cabeça, fez-me imaginar que meu cérebro tinha parado de funcionar.

Impressionado por essa ideia, estava prestes a soltar a corda e renunciar à vida de bom grado, quando fui detido pelo grito do Anjo, que me exortava a aguentar firme.

— Sperra aí! — interviu; — non ze apresse, non. Fais pegar a outra carrafa ou já ficaste zóbrio e recobrraste os zentidos?

Nisso apressei-me a menear a cabeça duas vezes, uma na negativa, querendo dizer que preferiria não pegar outra garrafa no momento, e uma na afirmativa, querendo assim indicar que eu *estava* sóbrio e que *tinha* efetivamente recobrado os sentidos. Dessa maneira consegui abrandar o Anjo um pouquinho.

— Enton acreditais agorra — perguntou ele — finalmente? Fós acreditais, enton, no possibilidade do strranho?”

Acenei outra vez a cabeça positivamente.

— E agorra acredita em *mim*, o Ancho do Strranho?

Acenei outra vez.

— E reconheceis que foste um bêbado zego e uma tola?

Acenei mais uma vez.

10

— Coloca zua mão dirreita na bolso squerda da zeu calça, enton, em zinal de zua total zubmisson ao Ancho do Strranho.

Aquilo, por razões óbvias, achei bem impossível de fazer. Primeiro, meu braço esquerdo tinha quebrado quando caí da escada e, portanto, se eu soltasse a mão direita, acabaria despencando por inteiro. Em segundo lugar, só ia ter calça se encontrasse o corvo. Fui então obrigado, muito a contragosto, a balançar a cabeça negativamente, intencionando assim dar a entender ao anjo que eu considerava inconveniente, naquele momento, atender sua mui razoável demanda! Mal acabara de balançar a cabeça e —

— Fá parra o diaba, enton! — vociferou o Anjo do Estranho.

Ao pronunciar essas palavras, passou uma faca bem afiada na corda em que eu estava suspenso, e como aconteceu de estarmos justo sobrevoando minha casa (que no correr de minhas peregrinações havia sido belamente reconstruída), calhou de eu cair de ponta bem dentro da chaminé e aterrizar na lareira da sala de jantar.

Depois de recobrar os sentidos (pois a queda me aturdira incrivelmente), descobri que eram umas quatro da manhã. Encontrava-me estatelado onde caíra do balão. Minha cabeça descansava sobre as cinzas de uma lareira extinta, enquanto meus pés repousavam nos destroços de uma mesinha, derrubada, e, entre os fragmentos de uma sobremesa variada

misturados com um jornal, vi alguns copos quebrados, jarras estilhaças e uma garrafa vazia de Kirschenwasser. Assim vingava-se o Anjo do Estranho.

REFERÊNCIAS

POE, E. A. The Angle of The Odd, an Extravaganza (first published in the October 1844 issue of the Columbian Magazine), in *Edgar Allan Poe: Poetry & Tales*. New York: Library of America, 1984, p. 756–65.

RICHARD, C. Arrant Bubbles: Poe’s ‘The Angel of the Odd’, in *Poe Newsletter Vol. II, No. 3*. Baltimore: The Edgar Allan Poe Society, 1969, p. 46-48.

¹ Segundo o dicionário Merriam Webster’s, *extravaganza* é uma obra literária ou musical marcada por extrema liberdade de estilo e de estrutura e, frequentemente, por elementos de caráter burlesco ou de paródia (cf. <https://www.merriam-webster.com/dictionary/extravaganza>).

² Com o título “Anjo do Estranho: As Melhores Histórias Curtas de Humor Americanas”, encontramos na Amazon Kindle uma versão publicada pela própria tradutora, Camila Rodrigues Natal Gaia, em junho de 2020. Uma outra versão brasileira de *Angle of the Odd* pode ser encontrada na coletânea “Edgar Allan Poe: Medo Clássico Volume 2” (Editora Darkside, São Paulo, 2018) assinada pela tradutora Marcia Heloisa. Há ainda uma versão portuguesa desse conto, realizada por Marcia Heloisa, que integra o livro “O Anjo do Bizarro e outros Contos (Colares Editora, Sintra, 2002).

³ Esse princípio foi apresentado por Poe, quanto à prosa literária, em “*The Importance of the Single Effect in a Prose Tale*”, estando presente também, em relação à poesia, em seu famoso ensaio “*The Philosophy of Composition*”.

⁴ O estudo completo de Richard está disponível no site da Edgar Allan Poe Society of Baltimore em <https://www.eapoe.org/pstudies/ps1960/p1969303.htm>.

⁵ Tal recurso estilístico havia sido aplicado de forma bem semelhante, por exemplo, em *The Gold Bug*, conto publicado em 1843, no qual Poe apresenta as falas de Jupiter com alterações destinadas a realçar as marcas de oralidade, o pouco letramento e o sotaque sulista daquele personagem afro-americano.

⁶ Os autores e livros citados, com data da respectiva primeira publicação, são os seguintes: Richard Glover: *Leonidas* (1737); William Wilkie: *The Epigoniad* (1757); Alphonse de Lamartine: *A Pilgrimage to the Holy Land* (1835, tradução do original francês *Souvenirs d’Orient*); Joel Barlow: *The Columbiad* (1807); Henry Theodore Tuckerman: *Isabel: Or, Sicily. a Pilgrimage* (1839); e Rufus Wilmot Griswold: *Curiosities of American Literature* (1844).

⁷ Château Lafite, marca de vinho francês. A grafia usada pelo autor, segundo Claude Richard, seria uma referência à obra *Lafitte, the Pirate of the Gulf*, de Prentiss Ingraham, que, assim como as demais que o personagem andara lendo, era muito popular à época, apesar de longa e enfadonha (1969, p. 46).

⁸ Citação direta de trecho do poema *The Task* (1785), de William Cowper: *This folio of four pages, happy work! / Which not even critics criticise.*

⁹ Embora Cockaigne (ou Cocaigne, como aparece no conto) refira-se a um local utópico, uma terra de ócio e abundância bem conhecida durante a Idade Média, aqui o autor remete a Londres, pois tal nome era aplicado jocosamente à cidade, terra dos Cockneys.

¹⁰ Sir John Falstaff é personagem cômico presente em quatro peças de William Shakespeare e que inspirou a ópera *Falstaff* de Giuseppe Verdi. Em geral, é descrito como um cavalheiro gordo e espirituoso.

¹¹ Tipo de bebida destilada à base de cereja. Grafada também como Kirschwasser, traduz-se literalmente como “água de cereja”. O fato de ser uma bebida transparente, como a água presente em seu nome, é explorado de forma irônica na fala acima do Anjo e no próximo parágrafo.

¹² Citação ligeiramente modificada pelo autor, traduzível por “muita felicidade e um pouco de bom senso”. No romance *L’Histoire de Gil Blas de Santillane*, de Alain-René Lesage, o personagem diz, na última frase do capítulo IV: “*Adieu, monsieur Gil Blas ; je vous souhaite toutes sortes de prospérités, avec un peu plus de goût.*”

¹³ Livro de poemas do escritor inglês Robert Montgomery publicado em 1828.

¹⁴ Auguste Grandjean foi cabelereiro, estabelecido em Nova York desde 1832. Por volta de 1837, lançaria um tônico capilar que deixaria seu nome famoso, obtendo a patente do produto em 1844.